

Refresco de Verão #2 Marcelo Cavalcante

Juliana Santos: Oi, eu sou a Juliana Santos e esse é o Refresco de Verão. O meu convidado de hoje é uma pessoa muito querida, ele é um cantor e compositor pernambucano. Em 2021 seu primeiro EP chamado (In) Produtivo, inspirado nas cantorias setentistas brasileiras, principalmente do nordeste e que flerta com o pop, com o samba e com o folk...com vocês: Marcelo Cavalcante!

Vinheta de Abertura: Música Instrumental da vinheta de abertura

Se você anda como eu exausta e não aguenta mais o calor das notícias. Vem aqui se refrescar. Na companhia de amigos, vou conversar sobre música e sonhar que verões melhores virão. Está começando o Refresco de Verão.

Juliana Santos: Bora começar?

Marcelo Cavalcante: Bora!

Juliana Santos: Eu vou começar perguntando sobre o nome. Achei esse seu album muito conceitual. Todas as músicas, desde a capa... e ele começa pelo nome, né? Que é (In)Produtivo, com o (In) entre parênteses. Eu queria que você explicasse isso porque a hora que eu vi, imediatamente pensei que isso não foi à toa.

Marcelo Cavalcante: É, vou falar sobre o (In)Produtivo, né? Teve insight. Eu tava morando só, né? Aí voltei na pandemia para a casa dos meus pais e sempre rola os conflitos, né? (risos) do modo de vida ser diferente, acordar tarde, trabalhar de madrugada e ninguém vê você trabalhando de madrugada. Essas coisas, saca? E enquanto isso eu estava gravando um disco, né? Mesmo na pandemia com toda a situação sem ganhar dinheiro e tal.

E a gente escuta muito essa coisa do artista ser improdutivo, essa uma pessoa que não trabalha exatamente, não tem um horário, não tem uma regra de produção como empresa comum, vamos dizer assim.

Juliana Santos: O que é a maior mentira, né?

Marcelo Cavalcante: É! A gente é improdutiva até antes dos shows, do showtime, né? E aí o improdutivo veio do meu pai. Eu escutei ele falando... porque estava tomando muita cerveja artesanal e ele viu a cerveja em casa. Quando morava sozinho não existia isso, né? Ele não via bebendo e não reclamava. Aí ele falou: produzir, não produz não, mas beber...bebe, viu? Ele falou isso pra mim, saca? Pra mim não, pra minha mãe, mas eu escutei. Aí eu fiz: ó práí?

A partir disso, eu fiz...ah, eu sou improdutivo, então? Aí eu trouxe a coisa do in, né? Do improdutivo, também de dentro. Você tá dentro de casa e produzindo um EP,né? Foi bem isso assim e também foi da produção do interior, mesmo dentro da pandemia, dentro desse isolamento. Então, trouxe vários significados dentro dessa palavra e acabou que de uma coisa que foi negativa de um, de um termo que é dito aos artistas de improdução, de você ser um

vagabundo, ser improdutivo e não trabalho, não sei o quê...trouxe outras coisas. Essa coisa da relação interior e de estar produzindo literalmente dentro de casa, dentro do meu quarto.

Juliana Santos: E é muito falsa essa ideia, porque a classe artística trabalha muito. O tempo todo no corre para ganhar dinheiro. Porque existe uma desvalorização cultural muito grande no Brasil que é de muito tempo, né?. Surgiu essa ideia de que o que era bom, era o que vinha de fora. Então, isso aumentou muito a desvalorização cultural que a gente tem hoje no país.

Marcelo Cavalcante: Sim!

Juliana Santos: E, por mais que a gente corra para para mudar isso, ainda vai demora para voltar. Eu acho que aqui em Pernambuco tem muito isso de valorizar o que é daqui. Eu quando eu cheguei eu fiquei muito....vislumbrada nmesmo com isso, era/é muito bonito isso de vocês valorizarem o que era local.

Marcelo Cavalcante: Acho que tem uma força cultural muito grande, né? Eu acho que é tanto artista, tanta força cultural que acaba que a gente fica aqui mesmo, a maioria, não tô dizendo todo mundo. Mas é porque é o sistema que a gente bebe e ao mesmo tempo a gente precisa ganhar dinheiro desse sistema também, né? A gente que trabalha com cultura. Aí eu acho que o ponto, dificuldade é mais esse, muito menos do acontecer.

Acontece muita coisa em Pernambuco artisticamente assim e tem tudo para isso, pô. Você tá do lado. Eu moro em Olinda, nascido e criado em Olinda, nascido em Recife, mas criado em Olinda. Frevo, maracatu na rua, coco, quantas coisas, né? tem aqui em Recife e Olinda.

Juliana Santos: Tem muito. Eu acho que também...agora me veio o pensamento de que o Nordeste também foi muito esquecido durante muito tempo pela política. Então, eu acho que também existe esse reforço de vocês olharem por vocês. Claro, tô falando com uma visão de fora, né? Eu sou de São Paulo. Eu acho que isso também ajudou a vocês se valorizarem, vamos dizer assim. Pernambuco, meu país! Pernambuco, o melhor do mundo! O melhor carnaval!

Marcelo Cavalcante: Total, um pouquinho de bairrismo também. Até como força também, força de luta também da cultura.

Eu acho que esse lance que você falou também da falta do vamos dizer assim, o governo não chega junto, né? Vamos ver aí a Aurinha do Coco que sofreu tanto no fim da vida sem ter um auxílio que merecia como patrimônio.

E também o olhar não folclórico para Pernambuco, sacou? de artistas contemporâneos. Eu acho que eu estou olhando por esse lado um pouco, ultimamente assim, porque eu também venho do frevo, do tradicional e tal. Mas eu estou olhando por um lugar mais de universal também sabe? Eu acho que (In)Produtivo foi meu primeiro passo nisso, de entender que nem tudo é folclore, a gente bebe disso, mas temos Lenine aí né?

Tantas pessoas que fazem uma música mais universal do que somente o folclore do Carnaval.

Juliana Santos: Alceu Valença.

Marcelo Cavalcante: Alceu! Nem tudo é Carnaval, apesar de que estou com saudade. Nem tudo carnaval!

Trilha sonora: – Frevo da Saudade, de Nelson Ferreira e Aldemar Paiva.

“Quem tem saudade não está sozinho

tem o carinho da recordação

por isso quando estou mais isolado

estou bem acompanhado com você no coração”

Juliana Santos: A gente fez um grande passeio, Então, voltar a falar de novo do EP. Eu te conheci no Bêbadosamba, aquele projeto de juntar amigos e ser feliz. Eu tinha acabado de me mudar para Pernambuco e de lá para cá eu sinto que seu trabalho mudou muito. Que está um trabalho muito mais maduro no (In)Produtivo, muito reflexivo, ele soa até como um desabafo assim. Você se lembra da sensação quando você escreveu essas composições? Como que foi esse processo?

Marcelo Cavalcante: Engraçado você falar isso do desabafo. É exatamente isso. Para mim o (In)Produtivo é um diáriozinho da pandemia, é como eu estava absorvendo as coisas. Era o que eu estava vivendo dentro de uma pandemia como artista, principalmente. Também me coloco muito nesse legado do artista, como artista se sente não podendo trabalhar. Ao mesmo tempo é uma crítica sobre quanto tempo eu não fiz algumas coisas que já poderia ter feito, saca? como artista. Por isso que o improdutivo também tem relação até com o que meu pai fala, de ser vagabundo de alguma forma. Para mim era para ter lutado mais pelo meu trabalho, pra coisa do autoral e tal. E foi meio que isso, o diário da pandemia, um desabafo e tal. A música “Esparsa” que é uma parceria minha com Juliano Holanda.

Trilha sonora: ESPARSA, de Marcelo Cavalcante e Juliano Holanda;

“Na nuvem esparsa
Se faz a fumaça
Enquanto enquadro a face
Na tela em que passa

No corpo cheio
Do uísque vazio
Na noite sombria
Da guerra em que cala”

Marcelo Cavalcante: que é uma parceria de letra com o Juliano Holanda. Eu achei muito massa, minha primeira parceria... foi assim na internet, ele falou: pô, vamos fazer música juntos! Ele falou no Instagram. Aí eu já tinha feito a música, uma parte da música e uma parte

da letra, mas eu achei muito curtinha a letra. Aí mandei para ele assim. Ai ele disse: pô, eu adorei! e fez a letra. Assim, até isso é muito doido, porque é também um olhar de outro artista dentro da pandemia. Esparsa é a única música em parceria, mas eu gostei tanto que é a primeira do disco. Botei logo assim, porque é o desabafo, o primeiro desabafo assim e é como eu me sentia totalmente ali na coisa do ócio, na coisa do não posso trabalhar e tô ali bebendo. Como é que vou trabalhar? E as contas? E o futuro do artista? Vai ter futuro? Vou morrer?. Vou fazer uma música foda agora antes de morrer, tá? Risos. Tipo isso. Pelo menos, né? Já que eu não fiz isso nesse o tempo todo.

Juliana Santos: E ela fala muito do negacionismo, né? Realmente do momento ali. É uma crítica a tudo o que está acontecendo. Tirando essa parte de você falar que você não está trabalhando, você também faz uma crítica a política. A como as coisas estão funcionando no Brasil, na pandemia

Marcelo Cavalcante: E a mágoa da birita também tem a ver com como eu tô sentindo isso. Do pecado à farsa, né? Eu gosto muito disso de dialogar também não contra religiões exatamente, mas assim, contra instituições que estão ligadas à política, meio que isso.

Juliana Santos: Do gosto à vida, né?

Marcelo Cavalcante: “Do gosto à vida que sana a ferida” é o prazer de eu pelo menos poder beber, já que o que a gente ungida não deixa, mas eu estou aqui. Eu gosto da vida, ela tá aqui ainda, continua.

Esparsa também é uma forma de resistência, a ser feliz um pouquinho, apesar da música ter uma densidade e tal, mas é sobre. Ela realmente ultrapassa o medo. Vai passar, não sei em quanto tempo, quanto tempo de espera vamos ter. mas vamos ser felizes!

Juliana Santos: E o nome da música tem um significado, né? Esparsa.

Marcelo Cavalcante: É, espalhado. Tudo confuso, muita informação, internet, pandemia

Juliana Santos: É isso. Tudo o que eu via tinha um sentido, um significado. É conceitual até no nome da música. É a letra. a capa...eu amei aquela capa com os post-its colados e escrito nome de música, trecho de letra, palavras soltas. Como que isso se deu? Como foi pensado isso?

Marcelo Cavalcante: Eu digo que essa ideia foi totalmente de Juvenil! Porque foi ele que deu essa ideia. Eu falei sobre o conceito para ele, né? Como eu falei pra tu do músico ser tido como vagabundo. Dai ele: pô, nada melhor do que botar um bocado de lembrete de trabalho para mostrar que o cara tá cheio de coisa e ao mesmo tempo é improdutivo, tá ligado? Que as coisas são minhas letras no final das contas, como vou me expressar, saca?

Juliana Santos: E você olhar, encara tudo aquilo...é muito legal! A música que me pegou muito também foi “No quê da vida”. Eu fiquei ouvindo e pensando... “Qual a verdade que eu escolhi/Na vaidade eu me perdi. Será que foi por liberdade/aquela ideia que eu me perdi.

Marcelo Cavalcante: que eu vivi!

Efeito sonoro: sirene

Marcelo Cavalcante: Aquela ideia que eu vivi! Porque é isso, né? São os questionamento, né? Será que foi por verdade? por vaidade mesmo? Ou pelo ego, né?

Trilha sonora: No Quê da Vida, de Marcelo Cavalcante

Juliana Santos: Você fica ouvindo e você fica refletindo junto, né? Ai, sei lá....você coloca a sua vida ali. Será que foi por vaidade também? Eu fiquei pega em vários momentos, assim, pensando e trazendo para mim, sabe? Me tocou muito e dava para ser sobre mim o que você falava. Quantas vezes a gente também não perde por vaidade, por achar, que aquilo que é ser livre. Aí você se livra daquilo e percebe que na verdade não era nada daquilo.

Marcelo Cavalcante: E a coisa também do final que eu falo “que eu nasci/ que eu morri”. Que nascimento é morte e ao mesmo tempo eu estava na dúvida se ia ficar vivo, saca? Isso no começo da pandemia, no início e não sabia nem se ia ter vacina. Então, foi o pavor!. Tanto que a música é meio dolente porque ela é essa coisa da espiritualidade assim.

E como tu falou essa coisa do conceitual, o que é mais bizarro...digo assim, não sei é por conta do signo, mas eu sou aquariano típico, então não consigo racionalizar certas coisas, eu não racionalizei esse conceito. Tipo foi uma coisa meio espiritual, apesar de eu não ser religioso, mas eu escrevi essa letra em 10 minutos assim, era como se eu estivesse psicografando a realidade do Brasil, a pandemia e tudo mais.

Basicamente foi isso todas as músicas. Foi meio que reflexões dos momentos que estava vivendo.

Juliana Santos: Você falou isso e eu fiquei pensando como é para você se expor tanto assim? Colocar seus sentimentos nas músicas...você pensou nisso? Você pensa sobre isso?

Marcelo Cavalcante: Não, é muito doido isso porque, às vezes, eu tenho até medo de expor sentimentos nas relações mesmo, naturais assim, de relacionamento. Eu não sou muito de expressar, mas na música vem aquele vômito assim. Talvez por isso eu não seja tão expressivo em algumas coisas, como se as coisas se separassem.

Juliana Santos: Você separa o Marcelo Músico, o Marcelo Pessoa Física do Marcelo Pessoa Jurídica?

Marcelo Cavalcante: Quase isso. Como se tivesse uma timidez para me expressar mesmo. Travas, travas. Tipo, será que foi por liberdade...essas coisas. às vezes é trava de ego, trava de estruturas que a gente é acostumado a viver. Mas a gente vai quebrando e vai falando para ver se a gente muda um pouquinho.

Juliana Santos: Você começou na música, você falou agora há pouco no coco. Como foi isso?

Marcelo Cavalcante: É, comecei primeiro com o mestre Ferrugem. Ele foi o primeiro de todos assim, inclusive na época que a gente fazia o Bêbadosamba. Foi quando comei a tocar com o mestre Ferrugem e foi ali que me trouxe para um lugar mais profissional na música. Pegar a música, fazer arranjo, eu tocava o arranjo de Rodrigo Samico, de Rafael Marques, dois grandes músicos. Violão sete cordas que eu não tocava muito. Então assim, o muito doido foi que eu trouxe o coco pra mim, eu amo, mas não trouxe na minha música porque eu acho que é outro assunto. Eu acho que os mestres tão lá e eles tem que existir eles, sabe?.

É uma outra coisa assim. Risos. Mas eu amo demais, é a primeira influência de todas, né? rítmica e de tudo.

Juliana Santos: E eu vou voltar um pouquinho, você me falou sobre seu pai. Você me falou uma vez que aprendeu a tocar violão por conta do seu pai, Conta essa história?

Marcelo Cavalcante: Ah sim, essa história. Eu digo que comecei a tocar violão por teimosia por painho. Porque ele comprou um violão. O negócio que era o cara que ajeitava a bicicleta lá perto de casa e a gente foi pirraia. Aí meu pai tinha esse negócio que queria tocar violão, né? Ele viu o violão e comprou. Acho que foi um cinquenta conto o violão, negócio assim. Sei que ele comprou um violão, eu nem ligava para a música nessa época.

Meu pai ficou tentando, tentando tocar, botou adesivo, comprou aquelas revistinhas, botou aqueles adesivos no dedo que tinha nas revistas. E não aprendeu e abandonou, obviamente abandonou, deixou o violão parado e aí eu comecei a tocar na doideira, assim pegando as revistinhas. Esse negócio de adesivo nunca deu certo para mim.

Eu comecei tocando Leandro e Leonardo, coisas aleatórias, Raul Seixas, Belo, tipo todo tipo de música e pegando a noção. Os meninos da rua tocavam um pouquinho, aí eu pegava uns dedilhados ali...(cantarola um dedilhado), essas coisas. Daí depois é que eu fui estudar

Juliana Santos: Quando você começou a estudar, quais eram as referências que você tinha?

Marcelo Cavalcante: Estudar de verdade?

Juliana Santos: Sim, as influências que você tinha nesse começo.

Marcelo Cavalcante: Quando comecei a estudar mesmo violão a minha primeira referência foi Chico Buarque. Foi logo ele. Fui logo ele. Foi painho, aqui é sempre um desafio, sempre um desafio agrandar painho. Ele foi logo que para tocar bem tinha que tocar Chico Buarque. Não tinha que tocar João Bosco, ele falou. Aí, eu, na minha cabeça achava que Chico Buarque era mais fácil. Na minha cabeça, sendo que não é bem assim, né? Aí eu peguei algumas músicas de Chico Buarque assim e fui para João Bosco pra dizer assim: ó, eu toco violão, viu? Foram minhas primeiras referências assim. Eu nem pensava em cantar nessa época, quando comecei a estudar.

Acho que o Bêbadosamba me fez cantar mais assim que sabe cantar mais assim, sabe? eu não era de cantar.

Juliana Santos: Eu lembro de você tocando João Bosco no Bêbadosamba. Inclusive eu acho que era uma das músicas que eu mais pedia aquele “Toca de tatu, linguinça, paio...”

Marcelo Cavalcante: Linha de Passe, parceria de João Bosco com o Aldir Blanc. Inclusive o grande nome ...

Juliana Santos e Marcelo Cavalcante: O grande nome por trás desse podcast.

Juliana Santos: E a gente falou de parceria, da parceria com o Juvenil também saiu Avoada, né?

Marcelo Cavalcante: Eu já conhecia o Juvenil antes de Avoada, mas Avoada foi por conta de Marília. Foi através dela na verdade, porque juvenil eu conhecia, mas não era muito próximo. Conhecia no início ali do Terra Café...quando ele começou a fazer a curadoria lá e tal. Foi uma das primeiras pessoas assim, que abriu a porta e me disse: cê tem um monte de música autoral, vai fazer suas músicas. Assim, ele tem essa pegada de chamar uma galera da cena autoral. Aí conheci também através dele a Marília e a gente teve muita afinidade, quase irmãos musicalmente. Assim ela é do sertão e minha família também é do sertão do Pajeú, apesar de não conhecer bem, mas a minha família é de lá também. Tem essa coisa da poesia nordestina muito forte. E a gente gosta das coisas parecidas. Tipo Dominginhos, Amelinha Luiz Gonzaga, gênio, saca? Então, já tinha a afinidade lógico e ela me chamou para avoada com o Feiticeiro Julião, Juvenil Silva e ela, Marília Parente.

Juliana Santos: Você teve muita dificuldade para compor em grupo?

Marcelo Cavalcante: Eu sempre compus sozinho, né? mas tive facilidade para compor com Avoada, por incrível que pareça, já que somos pessoas muito diferentes. Assim, até de estilos bem diferentes. Eu compôs a primeira música, a música Avoada, foi com Juvenil. Mas a gente só conseguiu compor em parceria quando a gente fez a viagem, ou seja, as músicas surgiram depois da nossa itinerância no sertão/no agreste.

Trilha sonora: Avoada, de Juvenil Silva e Marcelo Cavalcante

Marcelo Cavalcante: Depois dessa viagem foi que a gente compôs e eu fiz Avoada com Juvenil. Aí depois teve também uma parceria com Marília, O Céu é dos Malditos, lançamos há pouco tempo, a parceria da gente. Na verdade, foi praticamente uma colaboração minha. Porque eu mudei pouca coisa, algumas frases e dei uns toques de harmonia, então, digo que a música é dela com colaboração minha.

Trilha sonora: O Céu é dos Malditos, de Marília Parente e Marcelo Cavalcante

Marcelo Cavalcante: A gente foi aprovado agora no SIC agora, pode falar isso?

Juliana Santos: Pode

Marcelo Cavalcante: Mas assim estamos aprovadas e a gente vai lançar um disco agora que tá lindo e cheio de participações especialíssimas.

Juliana Santos: Tô curiosa desde já! Já que falamos de Carnaval, eu tô com muita saudade de carnaval, é muito triste que não teve carnaval. E me conta...você tem uma ligação com frevo também, né? Fez a música O Alto do Bonsucesso, fez a minissérie “Conversa com o Frevo”.

Marcelo Cavalcante: Sim, com recurso da Aldir Blanc do ano passado.

Juliana Santos: Qual é sua relação com frevo? Fala um pouco da minissérie como que foi isso para você.

Marcelo Cavalcante: Ah sim! Essa minissérie foi um acontecimento incrível, assim nesse ano. De Tanta improdução no mau sentido.

Juliana Santos: Você foi muito produtivo.

Marcelo Cavalcante: Fui! Fui muito produtivo. É isso, fica com medo de morrer, daí fica bora logo! Bora logo fazer!. Essa série foi a produção de Line Vital, da Vital Cultural. Ela chegou junto e escreveu o projeto junto comigo, fez tudo acontecer. Fiquei muito feliz com o resultado. A gente fez bem, com não tantos recursos, mas conseguiu fazer, chamar vários convidados também e remunerar as pessoas. Para mim foi um acontecimento muito incrível. Falando do Alto do Bonsucesso, essa música eu tenho que falar porque ela é bem especial para mim e vem dela essa relação com o frevo.

Trilha sonora: Alto do Bonsucesso, de Marcelo Cavalcante.

Marcelo Cavalcante: Essa música foi de quando fui morar no Monte. Eu já era, sou do frevo desde crianças. Desde os 5 anos de idade que eu vou pro Carnaval com mainha, né? Mas quando eu fui morar no Monte, no Monte do Bonsucesso, eu chamo de Alto do Bonsucesso, eu que inventei isso, este lugar que não existe.. Aí eu fiz essa música e foi a minha primeira composição. Então, essa minha relação com o frevo é tão doida que a minha primeira composição da vida foi um frevo.

Juliana Santos: E toda vez que eu escuto essa música, me veem Gilberto Gil na cabeça.

Marcelo Cavalcante: Que Massa! Eu sei até que música que é...Frevo Rasgado.

Juliana Santos: Essa mesmo!

Marcelo Cavalcante: Parece mesmo a harmonia, mas eu roubei, não! É o jeitinho de fazer frevo. Tanto é que muita gente fala que parece Moraes Moreira também, que é o jeito baiano de fazer frevo, mais rasgado, guitarra elétrica essas coisas.

Juliana Santos: Sim

Marcelo Cavalcante: Eu gravei ela meio bossa nova nesse arranjo, mas futuramente eu vou fazer com arranjo de sopro e guitarra elétrica. Pernambuco e Bahia.

Juliana Santos: (In)produtivo também tem várias referências da década de 70, né? Tropicalismo.

Marcelo Cavalcante: Sim, tem um pouco, porque é aquela coisa...acaba que Avoada me trouxe também um diálogo maior com essa coisa do Tropicalismo. Eu estava meio para a Bossa Nova, MPB tradicional. E agora eles me puxaram também para essa coisa que eu tenho mais doidona. Tem uma coisa meio doidona no EP (In)produtivo que é uma fake News, o samba Jovem Aprendiz.

Eu não fizesse samba na pandemia, saca? Fiz antes. É um samba que ele tem um toque meio aqueles samba de São Paulo, Douglas Germano, a galera mais jovem do samba, Kiko Dinucci, tem muito desse clima assim em (In)Produtivo, essas coisas que eu escuto muito e na pandemia escutei muito mais e acabou sendo inculido nas músicas

Juliana Santos: É, e na pandemia você fez muita leve do Sergio Sampaio.

Marcelo Cavalcante: Sampaio bateu, viu? Esse disco tem uma pegadinha de Sergio Sampaio na estética também, a estética marginal ali.

Juliana Santos: Para a gente encerrar eu queria saber o que você anda ouvindo.

Marcelo Cavalcante: Nesses tempos eu tô ouvindo um cara que se chama Thiago Amud. Ele mora em Belo Horizonte agora, mas é carioca se eu não me engano. E assim ele é o encontro das coisas que eu amo, né? Que é a Música Popular Brasileira com como diz Henrique Albino, Tronxura, né? Um grande instrumentista daqui. Ele traz um MPB que tem uma raiz antiga, mas tem um tão novo assim. e ele fez inclusive, agora, o arranjo da música Meu Coco, de Caetano Veloso e Caetano rasgou elogios para ele. É um cara que não é muito famoso, mas eu tenho escutado muito. Thiago Amud. Já deu uma bajulada nele para ele fazer um arranjo de uma música minha. Ele disse: vamos conversar! Já tô nessa (risos)

Juliana Santos: Vai rolar! Vai rolar! A minha dica de hoje já que falamos muito de carnaval, é o álbum Carnaval da Vingança de Chinaina. Antes era China, agora a Chinaina. Não sei se você já chegou a ouvir, mas eu amei. Me trouxe uma tristeza, mas também esperança de que as coisas vão acontecer de novo, que tudo vai voltar e vamos encher as ladeiras de novo.

Marcelo Cavalcante: E pra gente que viveu Pernambuco, viveu Mombojó e tudo mais. Algumas músicas são bem tipo nostálgica,

Juliana Santos: Que massa! Eu não tenho essa vivência com o Mombojó. Eu cheguei a ir em show deles em São Paulo, mas eu não tenho essa vivência daqui. Em São Paulo eu ia em show de Comadre Fulozinha, Banda Eddie, eu conhecia já muita música pernambucana lá. Eu sempre fui uma pessoa que ficava buscando coisas novas, sabe? Tinha uma banda do Acre

que eu amava de rock chamada Los Porongas. Então, eu escutava muito as bandas pernambucanas em São Paulo, mas não tive essa parte nostálgica ouvindo porque não era daqui.

Marcelo Cavalcante: O Sheik Tosa que era a banda antiga de China, era do Jardim Atlântico, eles ensaiavam aqui perto de casa, pô.

Juliana Santos: É muito louco que aqui todo mundo se conhece no fim. Morei em uma casa em Olinda que a filha da dona cantava com Lenine, antes de ser Lenine. Tem essa vivência cultural muito forte, né?

Marcelo Cavalcante: Tem até a galera das antigas que Gilberto Gil vivia aqui. Clara Nunes foi iniciada no terreiro aqui. Se tu falar qualquer dia para visitar tem as fotos dela lá. Coisa linda, né? Moraes também vivia aqui, fez até aquela música: por uma cidadela, mais um frevo canção eu vou cantar para ela!

Juliana Santos: Que coisa linda! Muito obrigada, eu adorei muito você aqui!

Marcelo Cavalcante: Adorei também, meu amor!

Vinheta Encerramento:

Se você gostou do que conversamos por aqui, corre lá no insta e segue a gente @refrescodeverao. O EP (In) produtivo está disponível em todas as plataformas digitais e para acompanhar as novidades de Marcelo Cavalcante é só seguir @omarcelocavalcante

Esse episódio conta com áudio das músicas:
Frevo da Saudade de Nelson Ferreira e Aldemar Paiva.
ESPARSA, de Marcelo Cavalcante e Juliano Holanda;
No Quê da Vida e Alto do Bom Sucesso, de Marcelo Cavalcante,
Avoada de Juvenil Silva e Marcelo Cavalcante.
O Céu é dos Malditos, de Marília Parente e Marcelo Cavalcante

Esse podcast é uma realização da Mirah Ateliê de Ideias

Com incentivo da Lei Aldir Blanc, da Prefeitura Municipal de Olinda e do Governo Federal.

A nossa designer é a Paula K.

Eu sou a Juliana Santos e faço pesquisa, roteiro e edição desse podcast.